

## O MITO DA CAVERNA E A CONCEPÇÃO EDUCATIVA NO LIVRO VII DA REPÚBLICA DE PLATÃO

### *THE MYTH OF THE CAVE AND THE EDUCATIONAL CONCEPTION IN BOOK VII OF THE REPUBLIC OF PLATO*

José Luís de Barros Guimarães<sup>1</sup>  
Suely Ribeiro de Jesus<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo analisar o mito da caverna de Platão, que se encontra no livro VII de *A República* sob uma matriz gnosiológico-educativa. Nesse sentido, a teoria do conhecimento platônico está intimamente ligada à sua doutrina ontológica, por isso faz-se necessário o neologismo onto-gnosiologia. Desta forma faremos uma breve explanação sobre o itinerário de Platão, as obras e a herança socrática. Buscaremos analisar também o mito em si e seu prisma educacional. E, por fim, adentraremos à questão educacional exposta no mito da caverna. A posição do filósofo será abordada, pois é substrato da sua própria concepção de educação (Paideia). Mostrou-se no trabalho ora apresentado o processo educacional implícito no mito da caverna, bem como alguns pontos norteadores da pedagogia platônica que são relevantes para pensarmos a pertinência da sua concepção educativa.

**Palavras-chave:** Educação. A república. Mito da Caverna. Gnosiologia.

**ABSTRACT:** This work aims to analyze the myth of Plato's cave, which is found in book VII of *The Republic* under a gnosiological-educational matrix. In this sense, the Platonic theory of knowledge is closely linked to its ontological doctrine, which is why the onto-gnosiology neologism is necessary. In this way we will make a brief explanation about Plato's itinerary, works and the Socratic heritage. We will also seek to analyze the myth itself and its educational perspective. And, finally, we will enter the educational issue exposed in the myth of the cave. The philosopher's position will be addressed, as it is the substrate of his own conception of education (Paideia). The work presented here shows the educational process implicit in the myth of the cave, as well as

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia Social. Mestre em Filosofia pelo programa de Pós-graduação em Ética Epistemologia. Professor Assistente I da UFPI, no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), Campus Professora Cinobelina Elvas (CPCE), localizando na cidade de Bom Jesus (PI). Membro do Núcleo de Pesquisa e Estudos das Comunidades Camponesas (NUPESCC). E-mail: [zeluis@ufpi.edu.br](mailto:zeluis@ufpi.edu.br)

<sup>2</sup> Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí - UFPI.

some guiding points of the Platonic pedagogy that are relevant for us to think about the relevance of its educational concept.

**Keywords:** Education. The republic. Cave myth. Gnosiology.

## 1 INTRODUÇÃO

A *Gnosologia* é o campo de estudo filosófico que se dedica à questão do conhecimento. Este termo, desenvolvido pelos filósofos gregos da antiguidade clássica, posteriormente ficou conhecida na modernidade como Teoria do Conhecimento ou Epistemologia. Se hoje as análises temáticas a respeito de temas como ética, estética ética e política são comuns, para os pensadores da Antiguidade Clássica, em contrapartida, como Sócrates, Platão e Aristóteles, por exemplo, estas análises “repartidas em gavetas” não fazem tanto sentido. Com base na reflexão a respeito da origem, natureza e função do conhecimento os outros temas iriam gradativamente entrando em conexão e confluência. Essa linha de pensamento fica muito evidente, por exemplo, quando nos debruçamos sobre os diálogos platônicos, sejam os socráticos ou da sua fase de maturidade.

Neste sentido, vemos por meio dos diálogos Platônicos que sua filosofia se baseia na ideia de dois mundos distintos: o mundo sensível, que é o mundo dos fenômenos e o mundo inteligível, o das Ideias. Para que se possa alcançar o mundo das Ideias, Platão aposta na educação. Segundo ele, o processo de formação humana é a melhor forma para os cidadãos gregos ascendam ao conhecimento, num caminho que se relaciona não só com os governantes de um Estado, mas também com desenvolvimento intelectual de qualquer pessoa. No livro VII de *A República* de Platão relata a famosa alegoria da caverna, onde pessoas são acorrentadas desde sua infância em uma caverna, de tal modo que enxergava apenas a parede ao fundo, na qual são projetadas sombras, que eles pensam ser realidade. Daí surge o seguinte questionamento: qual a relação do *mito da caverna* com a concepção de educação no livro VII da *República* de Platão?

O mito da caverna, que aparece ao seu leitor logo no início do livro VII de *A República* de Platão, despertou nosso interesse em razão desta confluência filosófica entre conhecimento e educação. Porém, essas duas matrizes não

podem ser entendidas se analisarmos de forma distinta a doutrina ontológica platônica. Desse modo, utilizamos o termo “ontognosiologia” para tratar de maneira mais adequada da epistemologia que fornecerá o substrato para a devida compreensão da proposta pedagógica. Para melhor desenvolvermos as reflexões educativas platônicas, resolvemos dividir o nosso trabalho em dois momentos.

No primeiro momento abordaremos o mito da caverna e seu aspecto gnosiológico. Dedicaremos à compreensão do que vem a ser o mito e sua definição dentro da alegoria descrita por Platão. Para melhor situarmos, lembramos que a alegoria da caverna é uma metáfora que serve como base para Platão expor o grau de conhecimento, pois ao sair das sombras para a visão do sol representa a passagem dos graus inferior do conhecimento ao superior. Pois na teoria de Platão ele distingue o mundo sensível, o mundo dos fenômenos, do mundo inteligível, o das ideias.

No segundo momento dedicaremos à questão educativa, que é justamente a finalidade central a que se destina o mito da caverna, a partir de onde Platão desenvolve o núcleo de suas ideias pedagógicas expostas no livro VII, ideias estas substancialmente conjugadas com sua visão de homem e de sociedade. No mito da caverna de Platão percebe-se a educação como uma ação didático-pedagógica que é a única forma de o homem chegar ao verdadeiro conhecimento de si mesmo, do bem e da verdade o que, por sua vez, o torna capaz de relacionar com as realidades que lhe são apresentadas, manifestando assim seu estado de homem livre, que ao soltar-se das cadeias que o prendia, caminha decidido rumo à verdadeira ciência.

Desta forma apresentaremos algumas considerações finais, que mais que respostas definitivas sobre a filosofia platônica, pretende resgatar a concepção educativa na filosofia platônica. Embasaremos nossa pesquisa, através da apreciação de comentários em livros, artigos, revistas e monografias de estudiosos da filosofia de Platão, além da profunda exploração do livro VII da *República de Platão*

## 2 O MITO DA CAVERNA E SEU PRISMA GNOSIOLÓGICO

O mito da caverna, que está no livro VII de “A República” de Platão, traz um enfoque nos problemas *gnosiológico* e *educativo*. Porém, essas duas matrizes não podem ser entendidas se analisarmos de forma distinta a doutrina ontológica platônica. Desse modo, utilizamos o termo “ontognosiologia” para tratar de maneira mais adequada da epistemologia que fornecerá o substrato para a devida compreensão da proposta pedagógica. Para melhor situarmos, lembramos que a alegoria da caverna é uma metáfora que serve como base para Platão expor o grau de conhecimento, pois ao sair das sombras para a visão do sol representa a passagem dos graus inferior do conhecimento ao superior. Pois na teoria de Platão ele distingue o mundo sensível, o mundo dos fenômenos, do mundo inteligível, o das ideias.

É imprescindível definirmos neste momento o que é o mito, e o que é o mito para Platão, nas palavras de Japiassú e Marcondes:

Mito é narrativa lendária, pertencente à tradição cultural de um povo, que explica através do apelo ao sobrenatural, ao divino e ao misterioso, a origem do universo, o funcionamento da natureza e a origem dos valores básicos do próprio povo. [...] crença não justificada, comumente aceita e que, no entanto, pode e deve ser questionado do ponto de vista filosófico. (2006, p. 189).

Nota-se que, no dicionário de filosofia, a palavra mito tem sua origem em tradições culturais que buscavam dar explicações sobre a origem do universo e das criações naturais, recorrendo ao sobrenatural, usando de mistérios, ou explicações divinas, isto é, usavam uma exposição alegórica visando disseminar um preceito, através de símbolos fantasiosos. Com o surgimento do pensamento filosófico-científico, esse conceito de mito, dar lugar as exposições racionais.

Contudo, para Platão o mito é diferente ele serve como um recurso pedagógico, pois a partir do momento em que o ser alcança o conhecimento, aumenta sua capacidade de discernir entre aquilo que é fantasioso e o que racional, como bem argumenta (Reale 1990):

Platão passa a atribuir o valor do mito a partir do momento em que começa a valorizar algumas teses fundamentais [...] Para Platão, mais que expressão de fantasia, o mito é expressão de fé e crença. Na verdade, em muitos diálogos, a partir do Górgias, a filosofia de Platão relativa a certos temas se configura como fé racionalizada: o mito procura clarificação no *logos* e o *logos* busca complementação no mito. Em síntese, ao chegar a razão aos limites extremos de suas possibilidades, Platão confia a força do mito a tarefa de superar intuitivamente esses limites, elevando o espírito a uma visão ou pelo menos a uma tensão transcendente (REALLE, 1990, p.132).

Os escritos de Platão, estudados pela ótica conceitual e também teatral, nos faz entender que o costume mitológico é indispensável, onde à palavra, discurso, razão dificilmente atinge seu objetivo, isto é, aquilo que era somente sonhador, fantasioso, ganha ênfase por seu valor utilitário no entendimento do homem. Na filosofia platônica, o mito busca purifica-se no *logos*, enquanto o *logos* se reforça no mito. Observa-se que o filósofo aposta no mito quando a razão alcança o nível máximo de suas posses, ou seja, o mito pode ultrapassar os limites da razão, colocando o espírito em posição transcendental. Nos diálogos diários em toda história da humanidade percebemos que o homem sempre desejou aprofundar no conhecimento do mundo em que vive e sempre, nos argumentos, ele dependerá do aperfeiçoamento metodológico e técnico para uma boa interpretação do interlocutor.

A famosa alegoria da caverna de Platão, no livro VII de *A República*, ilustra vividamente a ascensão para o conhecimento num caminho que se relaciona não só com a educação dos governantes de um Estado, mas também o processo de formação (Paideia) intelectual e moral de qualquer cidadão grego. É um diálogo entre Gláucon e Sócrates, por exemplo, em que se descreve o mito da caverna, o mestre de Platão, principal personagem do diálogo, convida seu interlocutor a comparar a natureza humana, no que se refere à ausência ou não de educação.

Pretendemos explorar adiante os aspectos educativos presentes na sua alegoria da caverna, todavia, antes de explicitar as nuances gnosiológicas, políticas e educativas presentes na filosofia de Platão, na descrição do seu famoso “mito da caverna”, faz-se necessário realizarmos uma pequena descrição da alegoria que abre o livro VII da *República* propriamente dita. No

diálogo, Sócrates pede aos seus ouvintes para imaginar como seria viver numa grande caverna com uma única entrada e homens que desde a infância ali vivem; presos pelos pés e pescoços a correntes que os impedem de qualquer movimento.

Imagina os homens encerrados em morada subterrânea e cavernosa que dá entrada livre à luz em toda extensão. Aí, desde a infância, têm os homens o pescoço e as pernas presos de modo que permanecem imóveis e só veem os objetos que lhes estão diante. Presos pelas cadeias, não podem voltar o rosto. Atrás deles, a certa distância e altura, um fogo cuja luz os alumia; entre o fogo e os cativos imagina um caminho escarpado, ao longo do qual um pequeno muro parecido com os tabiques que os pelotiqueiros põem entre si e os espectadores para ocultar-lhes as molas dos bonecos maravilhosos que lhes exibem. (PLATÃO, 1997, p.225).

Os prisioneiros em tal situação julgam como verdade as sombras que veem nomeando-as tais como se fossem coisas realmente existentes, e os sons em forma de eco que escutam pensam pertencer às sombras das estátuas de homem, e acreditava que aquilo tudo que viam diante dos seus olhos era real, pois o conhecimento do verdadeiro ainda não foi manifestado. Mais adiante, Sócrates convida os ouvintes a imaginar o que aconteceria se um prisioneiro fosse libertado dos grilhões forçado a ir até a entrada na caverna:

Imaginemos um destes cativos desatado, obrigado a levantar-se de repente, a volver a cabeça, a andar, a olhar firmemente para a luz. Não poderia fazer tudo isso sem grande pena; a luz, sobre ser-lhe dolorosa, o deslumbraria, impedindo-lhe de discernir os objetos cuja sombra antes via. Que te parece agora que ele responderia a quem lhe dissesse que até então só havia visto fantasmas, porém que agora, mais perto da realidade e voltado para objetos mais reais, via com mais perfeição? Supõe agora que, apontando-lhe alguém as figuras que lhe desfilavam ante os olhos, o obrigasse a dizer o que eram. Não te parece que, na sua grande confusão, se persuadiria de que o que antes via era mais real e verdadeiro que os objetos ora contemplados? (PLATÃO, 1997. p.226).

Desse modo, para recuperar a visão precisaria se adaptar progressivamente, enxergaria facilmente as sombras, depois as imagens dos homens e objetos refletidas na água, mais tarde os próprios homens e objetos à noite veriam o céu e os astros com mais facilidade que durante o dia e, por fim, conseguiria contemplar o próprio sol, a face. Não do mesmo modo que

aparecia refletido na água ou em qualquer outro meio estranho, mas somente como ele mesmo no seu próprio domínio.

Tal experiência levar-lhe-ia à conclusão que o sol é a causa das estações do ano e de tudo o que pode ser enxergado, governando assim todas as coisas do mundo visível. Ao vir à lembrança a antiga morada, ao invés de felicitar-se pela mudança, tal homem sentiria compaixão pelos outros que continuam no cativeiro, portanto, resolve voltar.

A volta é uma descida; a caverna se encontra em lugar inferior à terra iluminada pelo sol. Desce, chega, senta-se e fica com os olhos perturbados pela escuridão, a acomodação demoraria um pouco. Diante da competição na caverna, o homem vindo da luz, não cobiça as recompensas nem inveja os que têm algum poder, mas caso entrasse na disputa acerca da sequência das sombras projetadas na parede seria mero motivo de riso, os outros diriam que ele tendo ido lá para cima voltou com os olhos lesados, o que os desestimulariam a tentarem a libertação e a subida. Assim, se os tentasse libertar e levá-los para fora, caso pudessem se movimentar, o segurariam com suas próprias mãos e o matariam. (ibid., p.267-270).

## 2.1 A ONTOLOGIA E A QUESTÃO EDUCACIONAL DO MITO

O principal enfoque da alegoria é a questão educacional como elucidada Platão no início do diálogo. Contudo, sua visão de *Paideia*<sup>3</sup> está intrinsecamente ligada a sua teoria do conhecimento, que por sua vez, tem raízes profundas na sua doutrina ontológica, a saber, a teoria das ideias. Essa tríplice aliança (ontológica-gnosiologia-educação) é visível no mito da caverna e na explicação que o próprio Platão se empenha por fazer em todo o livro VII, influenciado pela noção socrática de um mundo estável moral e compreensão heraclitiana da realidade sensível como um eterno devir.

Assim, Platão tece seu sistema ontológico, onde afirma que o lugar do verdadeiro “ser” não é a dimensão visível e corruptível, mas um espaço imaterial ao qual se tem acesso através do intelecto. E para superar a mesma

---

<sup>3</sup>Denominação do sistema de educação e formação ética da Grécia Antiga. No último capítulo deste trabalho, discutiremos este conceito de maneira mais detalhada.

filosofia de Heráclito, Platão mostra outro lugar que devemos procurar o fundamento do conhecer: Este lugar é a alma. pois o filósofo considera o espírito humano encarcerado no corpo, ciano neste mundo. Assim, segundo o filósofo não era preciso apenas “cuidar da alma”, como propõe Sócrates, mais buscar purifica-la. Isso ocorreria, a medida que o indivíduo, através do intelecto, conseguisse ultrapassar o mundo sensível e atingir o inteligível, isto é, a alma deve atravessar o mundo e alforriar-se do corpo para conseguir o seu fim, chegar ao espetáculo do inteligível, para o qual é atraído por um amor nostálgico, pelo Eros platônico. Tudo isso porque ele nota como nossos sentidos são capazes de nos enganar.

Lembramos que a preocupação de Platão está centrada não apenas na formação o indivíduo para enfrentar as batalhas recorrentes na época, mais acima de tudo em abrir caminho para que se conquiste o mundo das verdades, o mundo inteligível, aquele considerado por ele, o mundo real, onde não há imperturbabilidade da alma.

De acordo com Jaeger (1989, p. 422) “*A República*” dá a este lugar o nome de *noétos topos* - lugar inteligível, e no mito da caverna esse espaço é simbolizado pelo lugar mais alto onde se enxerga sob a luz do sol. Esta simbologia também coincide com o significado etimológico do termo hiperrurâneo, “acima do céu” usado em muitas de suas obras para referir ao mundo das ideias. Platão poderia muito bem utilizar apenas o substantivo céu, que já comunicava muito bem a ideia de elevação, mas acrescenta a este a preposição acima apontando um lugar mais alto que o céu, ou seja, invisível e não palpável.

Seu esforço de abstração é para descobrir o uno no múltiplo, o estável no mutável, ou mesmo o universo diluído nos particulares, diríamos em nossa linguagem filosófica hodierna. Desta forma, o critério magno para definição ontológica é encontrar aquilo que está presente em vários entes, conferindo-os uma identidade interior unívoca, sem de fato ser nenhum deles. Assim os filósofos chegam à conclusão de que há algo que faz cada coisa ser o que é e não outra coisa diversa. Há sólido um princípio de identidade que não se perde na diversidade de apresentação dos exemplares particulares.

Percebe-se que nem Platão, muito menos Sócrates, ao se perguntarem “o que é?” “Tinham consciência da questão lógica dos ‘universos’, que foram descobertos e sistematizados posteriormente por Aristóteles”. Sócrates com suas perguntas acerca de questões relativas ao mundo moral, não chega à definição lógica, mas sim a um conhecimento de natureza abstrata que tende ao conceito, porém não atingem plenamente. (Jaeger, 1989, p. 423).

O próprio conceito platônico de “ideia” tem seu significado totalmente distinto daquele comum a nós contemporâneos que temos conhecimento da dinâmica lógica de construção dos conceitos. Em Platão, “ideia” significa “entidade”, “substância”, “essência” e não “conceito”, “definição”, como costumamos julgar cotidianamente. A questão fica mais complexa quando ele confere uma existência real a essas “ideias”. Neste sentido, poderíamos fazer a seguinte questionamento: Platão não estaria cometendo o erro de conferir caráter de existência real a conceitos que existem em si, mas apenas em planos lógicos?

Platão realiza uma seção ontológica dualista contrapondo seres invisíveis e seres visíveis. Os primeiros habitantes no mundo das “ideias” são verdadeiras substâncias, de caráter divino, privadas de cor, sem figura, intangíveis, incorruptíveis, mantêm um único aspecto, conferem o “ser” às coisas do mundo sensível e podem ser contempladas apenas pela alma humana, que possui a mesma natureza inteligível que elas. Já os segundos estão no mundo sensível, nunca mantêm uma identidade, mudam frequentemente, se dão imediatamente a nós por estarem na mesma estatura ontológica inferior que o corpo humano, possuem múltiplos aspectos. A relação que se dar entre eles é no nível de participação; as formas ou ideias concedem o “ser” as coisas visíveis que dela participam; por exemplo, as diferentes coisas tidas como belas são assim por participarem do próprio belo. Reale e Antisteri elucidam que,

No mundo inteligível haveria uma hierarquia exposta aqui em grau decrescente: Ser, repouso, movimento, identidade, diversidade, igualdade, desigualdade, semelhança, dessemelhança, e no último escalão, os entes matemáticos. A hierarquia está sob uma dinâmica de condicionalidade onde as ideias inferiores implicam as superiores, numa perene ascensão até a Ideia absoluta,

que condiciona todas as outras e não é condicionada por nem uma delas. (2002, p. 141-142).

Percebemos que esta ideia suprema não é o Ser, mas sim o Bem, que confere verdade e cognoscibilidade às coisas conhecidas, capacidade de conhecer ao que conhece e é causa direta do Ser de tudo que existe, transcendendo a “essência” em majestade e poder. Essas são as únicas informações que Platão fornece acerca do Bem, limitando-se a falar dele apenas por analogia.

Em *A República*, no livro VI, Gláucon pede a Sócrates que faça uma explicação sobre o Bem, como fez com as outras virtudes (justiça, temperança, beleza). O ilustre mestre, afirmando ser muito para o seu ânimo discorrer sobre o próprio Bem, coloca como única opção para seu interlocutor dialogarem sobre o filho do Bem, que é muito semelhante a ele, ou seja, se nega a falar sobre o Bem sem recorrer à analogia. Encontramos nas palavras de Cirne-lima

[...] o Bem descrito sem censuras apenas nos escritos esotéricos, ou seja, nas compilações que os acadêmicos fizeram das lições que Platão pronunciou apenas para o seu grupo de estudantes, para os de “dentro” da Academia, já iniciados na filosofia. O princípio absoluto só poderia ser alcançado através do rigoroso raciocínio metódico e dialético, concretizado apenas no diálogo vivo e oral. (2002, p. 85).

Por isso, Platão sempre foi claro e categórico ao afirmar que nunca houve nem haveria nenhum escrito dele sobre esse princípio absoluto, tanto assim que desaprovou as complicações dos seus discípulos, considerando tais escritos nocivos e inúteis, apesar de reconhecer que eles tinham compreendido bem suas aulas. (REALE, 2002, p. 130).

Pelo que tratamos acima podemos agora identificar com clareza e exatidão o que Platão mostra quando contrapõe no Mito da Caverna a habitação subterrânea ao lugar elevado iluminado pelo sol: estamos diante de uma representação do contraste entre o mundo do devir e do mundo inteligível. As sombras são os seres sensíveis, os objetos e indivíduos que vivem fora da caverna são as formas, as ideias.

## 2.2 A ONTO-GNOSIOLOGIA PLATÔNICA

Depois do estudo feito no ponto anterior podemos mais facilmente descortinar as matrizes gnosiológicas escondidas no mito da caverna, pois a concepção platônica do conhecimento está diretamente ligada com sua ontologia e a sua concepção educativa. Antes do mito da caverna Platão, no final do livro VI, expõe uma série de ideias a respeito do conhecimento que se indicam com a “*alegoria do sol*”, passam por uma explicação sob o instrumental geométrico e terminam com uma classificação dos estágios gnosiológicos. Seguiremos tal itinerário transversalizando as diferentes partes entre si, com o objeto central do nosso trabalho e com outros trechos de *A República*.

No diálogo entre Sócrates e Gláucôn, surge a questão do que é Bem. Como já citamos acima, Sócrates se recusa a falar diretamente dele, mas tece uma analogia colocando o sol como filho do Bem. (PLATÃO. 2006, p. 257). Primeiramente toma o sentido da audição, mostrando que entre este e a voz há uma ligação direta, sem a presença de um terceiro elemento que torne possível o processo de audição. Prossegue agora com o exemplo da visão, evidenciando que o processo visual, para que alcance sucesso, não é suficiente que haja visão nos olhos e cores nos objetos, mas necessita-se de um terceiro elemento, a luz, que por seu indispensável papel é considerado algo de grande valor.

Ora, sabe-se que o fogo e as estrelas produzem luz, contudo, a luminosidade que nos possibilita ver as coisas visíveis, e isto com a maior nitidez possível é aquela que procede do sol. (ibid., p. 256). Desta maneira, o sol, por não ser nem a visão nem o olho, nem muito menos a visão em si (que habita no mundo inteligível), pode ser visto por estes, todavia, difere-se de tudo que é alcançado pela mirada humana por ser a causa da visão e a fonte de onde procede o poder do olho. (ibid., 259).

Quando os olhos se fixam nas coisas iluminadas pela luz dos astros noturnos ficam embaçados, sem distinguir as cores e as formas das coisas; quando porem miram algo iluminado pela luz do sol enxergam nitidamente manifestando-se a acuidade da visão. (ibid., 259-260).

Segundo o mito, assim também acontece com a alma humana: quando se volta para as coisas sensíveis não consegue ver claramente as coisas, tal como o olho sob a penumbra noturna, pois seu entendimento muda conforme as diferentes identidades do objeto do seu conhecer; ao dirigir-se às ideias, estáveis e iluminadas pela verdade, ela conhece o verdadeiro Ser das coisas, tendo assim a inteligência. (ibidem). A relação do sol com a vista e as coisas visíveis é a mesma do Bem com a inteligência, as coisas inteligíveis. Assim, a ideia do Bem é causa da ciência (capacidade daquele que conhece) e da verdade daquilo que é conhecido. A realeza do sol não está ligada apenas ao fato de ser elemento primordial no processo da visão, mas também por proporcionar às coisas vistas geração, nutrição e crescimento. Platão, em toda essa analogia, consegue relacionar muito bem conhecimento metafísico com observação da *physis*, interpretando a natureza sob outro sentido e conservando a reverência ao cosmo, tão característica dos pré-socráticos.

Para explicar de maneira mais minuciosa e abstrata a relação entre os dois mundos e a atividade cognoscível Platão utiliza-se de instrumental geométrico, o que faz jus ao que estava escrito no umbral da porta da Academia: “só entra aqui quem sabe matemática”. No diálogo, Sócrates convida Gláucôn a imaginar uma linha dividida em dois graus: uma representando o mundo visível ou conhecimento sensível e outra o mundo inteligível ou conhecimento intelectual. Partindo assim do primeiro conhecimento, mas que dele não se pode derivar.

Nesse sentido, a diferença principal é: O primeiro conhecimento não sabe que o é, de onde pode passar os diversos conhecimentos, falhar sem o saber; O segundo, sabe que o é, é como que insubstituível. E em seguida é cortada segundo a mesma proporção, resultando agora em quatro seções. (PLATÃO. 2006, p. 261).

No mesmo livro VI, Platão define as capacidades que nos permitem conhecer: ciência, opinião e ignorância. Capacidade para Platão é aquilo através do qual podemos o que podemos, tendo assim um objeto e um efeito. Dessa forma, a ignorância está relacionada ao não-ser absoluto, por isso não tem objeto e quem nela está nada sabe. O objeto da ciência é o puro ser, seu

efeito é o conhecimento, e os que a desenvolvem são chamados *philosophos*. A opinião “é o meio-termo entre a ciência e a ignorância superando esta em clareza e aquele em obscuridade, seu objeto é a realidade sensível, seu efeito é a opinião mesma e os que a desenvolve são denominados *philodoxos*”. (PLATÃO. 2006, p. 218-220). Conhecer é também para Platão recordar-se, lembrar-se das “ideias” um dia contempladas no *hiperurâneo* e esquecidas quando a alma “caiu” no corpo que habita o mundo sensível. Tal reminiscência é desencadeada através da dialética.

### 3 PAIDÉIA GREGA: SENTIDO E A FINALIDADE DO PROCESSO EDUCATIVO EM PLATÃO

Paidéia é um conceito que na Grécia antiga significava a educação plena do homem. Os sofistas entendem a Paidéia, no sentido de uma teoria da educação, baseada em fundamentos racionais e retórico. A concepção helênica de educação integral ganha cor em Platão a partir de suas ideias e conclusões sobre conhecer. No processo educativo, Platão considera todas as partes e faculdades que compõem o ser humano. Outro ponto considerado por Platão no que se refere ao processo educativo é que se o intelecto não conhece certa ciência, não quer dizer que ela não exista, mas que o intelecto não está voltado para ela. E a razão não conhece por está voltada ao que deve ser. Segundo Platão:

A Educação é, portanto a arte que se propõem este fim, a conversão da alma, e que procura os meios mais fáceis e mais eficazes de operá-la; ela não consiste em dar a vista ao órgão da alma, pois que este já o possui; mas como ele está mal disposto e não olha para onde deveria, a educação se encarrega através de um grande esforço por levá-lo à boa direção. (1965, p.111).

Nota-se que para Platão a educação é o meio pelo qual se dar sentido a vida; e através dela é possível alcançar os fins no qual se deseja para uma vida justa e boa em sociedade. Além disso, acredita o filósofo que, as ciências estão em nós desde que nascemos, quando esta não se manifesta é porque não nos dedicamos a trazê-la para fora. Desta forma, podemos, através da educação nos aprimorar para uma determinada ciência que já existe em nós. Neste

sentido, a capacidade para a ciência, já está no indivíduo de forma ontológica-natural, precisando apenas ser trabalhado com muito treinamento e exercícios, a fim de desenvolver a capacidade cognitiva.

Esse processo é longo, demorado, trabalhoso e gradual, são necessários muitos anos e inúmeras fases até que se chegue ao objetivo máximo: a formação dos governantes e reis-filósofos. Platão chega a esta conclusão depois de constatar uma decadência moral, intelectual e política na Atenas de seu tempo. Daí advém à proposta educativa e política através da sua cidade ideal baseada na educação integral e a conversão. Para se chegar a isso precisa percorrer as seguintes metodologias do processo formativo segundo Platão a saber: *Habilidades na ginástica* e na música que devem ser incutidas a partir dos sete anos de idade como um trabalho de ordenamento do corpo e da alma para um contato sadio com o mundo sensível, conferindo ao temperamento e à percepção da criança e do jovem harmonia e ritmo direcionando adequadamente a sua parte concupiscível e despertando a parte racional. “Sócrates - Depois da educação musical, os jovens deveriam praticar a ginástica? Glauco - Certamente. Sócrates - Nesta também é preciso prepará-los muito bem desde a infância e por toda a vida”. (PLATÃO, 1997, p. 101-102).

Também nessa etapa deve ser dadas noções de *aritmética e geometria*, porém, tudo deve ser feito sem imposições, para favorecer o melhor aprendizado, e deixando que se manifestem as inclinações pessoais de um, para selecionar os melhores e os mais aptos para a etapa seguinte. Platão acredita que o homem só aprende realmente em liberdade e não como um escravo. (Ibid. p. 293). *As matemáticas: estas são propedêuticas à dialética* e servem tanto ao filósofo como ao guerreiro.

Aos jovens é proposto primeiramente a aritmética, que deve ser estudada com afinco para que se chegue à contemplação da natureza dos números e os utilize, em uma possível guerra, com finalidades estratégicas. A *geometria* também chamada de estudo das superfícies que, embora se apoie em figuras concretas ou desenhadas, tem por objeto construções racionais e imutáveis e pode ainda ser de utilidade em situações de combate.

Glauco – Na medida em que se relaciona com as operações da guerra, é evidente que nos interessa, visto que, para assentar

um acampamento, conquistar regiões, concentrar ou espalhar um exército e obrigá-lo a executar todas as manobras que são próprias das batalhas ou das marchas, o general que o comanda revela-se superior ou não, consoante é ou não é geômetra. (Ibid. p. 315).

Para tanto, Platão descreve os critérios necessários de seleção dos que irão para a fase seguinte são: firmeza, coragem, temperamento nobre e austero, acuidade de visão para os estudos, boa memória, resistência e amabilidade ao trabalho físico e intelectual.

Deve-se ter muita atenção e rigorosidade para não educar indivíduos sem tais qualidades e retidão de personalidade, caso contrário, aumentar-se-ia assim a má reputação que a filosofia alcançara naquela época por tanta dos que a utilizam inadequadamente, chamados também de filhos bastardos. (TEIXEIRA, 2003, p. 44).

Por conseguinte, aos 18 anos vem o período obrigatório de preparação cívico-militar que dura dois ou três anos e conta apenas com treinamentos físicos, pois o cansaço e o sono são verdadeiros empecilhos aos estudos; daquilo são selecionados os de maiores aptidões físicas.

A fase seguinte comporta um caráter de ensino superior com lições mais intensas das ciências introdutórias à dialética, que agora são sistematizadas e colocadas diante dos jovens a fim de se verificar quais são capazes de enxergar numa visão de conjunto, estes são aptos ao estudo dialético.

Japiassú pontua que a Dialética é usada nos dias, atuais “para se dar uma aparência de racionalidade aos modos de explicação e demonstração confusos e aproximativos.” (JAPIASSÚ, 2006, p. 73). Aqui está um ponto chave do processo, pois deixará de lado aqueles de qualidades exclusivamente físicas e militares, que ficarão como guerreiros, e continuar o trabalho educativo com os que possuem como dom também uma natureza sintética e por isso serão os futuros governantes. Nesse sentido, os escolhidos, que já contam com a idade de 30 anos, formarão um grupo mais seletivo que será provado sob a força da dialética, a fim de observar quais deles abandonam realmente a realidade sensível e se fixam na direção do próprio ser apoiados pela verdade, isso durante o dobro de tempo do treinamento físico, ou seja, 4 ou 6 anos.

Nesse estágio, deve ter muita cautela no ensino da dialética, pois, geralmente, apenas os anciãos usam digna e moderadamente a filosofia preferindo imitar quem discute e busca a verdade ao invés de espelhar-se naqueles que por um jocoso prazer, brincam e refutam sem moderação ou critérios. Esta última é a atitude característica do jovem quando conta com conhecimentos dialéticos, por isso, o ensino da dialética para a juventude é perigoso prejudicial, e aos mais maduros deve-se ir com muita cautela a fim de não perdê-los, uma vez que as lições dialéticas se dedicarão a cargos públicos e bélicos, a fim de não ficarem com menos experiência que os demais da cidade e testarem sua firmeza diante das pressões da vida, administrativa e militar.

Quando chegarem aos cinquenta anos, os que sobreviverem e tiveram sempre os primeiros lugares em todos os aspectos nos trabalhos e nas ciências são conduzidos à contemplação do Bem em si, ficando quase que exclusivamente em função da filosofia e de um trabalho consultivo em vista de uma ordenação da cidade, dos cidadãos e de si mesmos. E caso seja solicitado ao governo, ao reinado, aceitará não como honra nem coerção, mas porque fazê-lo corresponde à justiça, virtude na e para a qual foi formado, sendo assim inevitável uma adesão.

A função do filósofo educador deve também dar a outros a mesma formação que recebera a fim de deixar outras pessoas preparadas para assumir seu lugar. Agindo assim, a justiça e a felicidade na cidade ideal são garantidas pela atitude do Rei-filósofo que passa ter em suas mãos o poder jurídico e governamental, educativo e científico que possibilitaria o desenvolvimento da virtude intelectual por natureza, o apreço, a sabedoria e o conhecimento necessário para agir no sentido do bem político dessa maneira, o desenvolvimento das qualidades e das inclinações da alma de cada um cidadão, conforme a natureza, corresponderiam, às virtudes imprescindíveis para o exercício de cada função do estado concebido por Platão como justo. Conforme afirma Jaeger:

[...] para Platão, a tese do reinado dos filósofos nasce da consciência de que é a Filosofia a força construtiva deste novo mundo em gestação, isto é, precisamente aquele espírito que o Estado pretende destruir na pessoa de Sócrates. Só ela, a força que criou o Estado perfeito no mundo do pensamento, é

capaz de colocá-lo em prática, se lhe derem o poder necessário para o *fazer*. (1989, p.839).

O longo período da formação e a dificuldade aparecem no mito da caverna, quando descreve a plenitude do homem livre de seus grilhões em ver com clareza a realidade que lhe é agora apresentada e em aceitar as verdades da realidade que lhe eram apresentadas apenas de forma aparente. O homem da caverna está acostumado às sombras, se sente seguro dentro dela e uma vez arrastado para fora de seu mundo de aparência e sossego, reage com indignação e brutalidade a que é submetido, uma vez ofuscado pela luz que o impede de ver as coisas com clareza, cai na tentação de voltar para seu mundo.

No entanto, recuperando gradativamente a visão, vai enxergando as verdades das coisas e se mostra interessado por elas. Aqui Platão nos mostra que a educação, tem como objetivo primeiro a contemplação das “ideias” e da forma suprema do bem. Mas, tudo isso começa com uma ruptura radical com o mundo do vir a ser, com as sombras, com as aparências como início do processo de conversão do homem por inteiro como foi visto na primeira fase dos estudos. Platão em sua concepção gnosiológica do ser, não admite um filósofo erudito-puro, separado da vida social, anacrônico dos problemas relacionados à cidade como um habitante das alturas do ser, chegando a criticar fortemente aqueles que se julgam extramundanos. Ele propõe a um sábio que olhe para seus semelhantes e, movidos por compaixão e pelo bem da polis, entre novamente na caverna para tentar mostra-lhes a verdade.

Quase sempre de maneira inconsciente, habitamos um número cada vez maior de cavernas por nós edificadas, levando-nos a crer que estamos sem saída. Entretanto, filósofos, políticos, professores amiúde sinalizam o caminho para a fuga dessas cavernas escuras. Com isso, o papel real do educador vislumbrado nessa alegoria é o de resgatar o homem das entranhas do preconceito, da alienação, do pensamento débil, da ignorância.

A convivência do filósofo com a comunidade nunca foi pacífica. Sempre foi cheia de conflito e, na maioria das vezes, seus semelhantes não acolhem seus conselhos, inclusive o ridicularizam caçoando dele, e veem sua sabedoria como algo sem propósito, por isso, o pensador é uma figura polêmica que anda

na contramão da massa, muitos ao vê-lo julgam sem valor e sem sentido a libertação dos grilhões e as saídas da caverna, o melhor era ficar onde estava. Desta forma se conclui que a filosofia é algo para poucos.

### 3.1 O LÚDICO, A INTEGRAÇÃO CORPO-ALMA E O DIÁLOGO: IDENTIFICAÇÃO E ATUALIZAÇÃO PLATÔNICAS NO CAMPO EDUCATIVO

Não precisamos ir aos dicionários para sabermos que o lúdico é uma forma de desenvolver a criatividade, conhecimento através de dança, jogos e música, com a finalidade de ensinar, educar e divertir na interação com os outros. Vai além do jogar e brincar, deve alargar conhecimentos para a vida tanto profissional como pessoal; deste modo a criança deve interagir no seu meio social de modo significativo e prazeroso. Isso deve resultar numa reciprocidade, ensinar e aprender se divertindo. A proposta platônica de um estado ideal, mola mestra de toda a república, sendo uma alternativa de todo caos e decadência política vivida na sociedade grega do século V e IV a.C.

Platão exerce suprema importância para a comunidade e a polis, pois esta tem na vida de cada indivíduo, em contraposição à corrente individualista que se intensifica em um regime democrático. Por estar no centro das primeiras polêmicas acerca do conhecer e do educar, o pensamento pedagógico platônico pode lançar luzes sob as questões atuais acerca do ensinar e do aprender. Se “fazer pedagogia é, a partir da realidade e prática educacional, pesquisar, conhecer, refletir, rigorosa e sistematicamente, e voltar a atuar sobre ela procurando transformá-la, melhorá-la”. (ARANHA, 2006, p.34).

É destacado por ele o uso da força a imposição para todas as atividades de educar, sobretudo as intelectuais. Isto não quer dizer que não haja disciplina, testes de averiguação de aprendizagem e amadurecimento humano. Esta proposta platônica contempla também sérias dificuldades no que diz respeito deixar as crianças livres para brincar para que, sem imposição alguma e sem nenhuma pressão, se manifeste a sua natureza e assim o educador possa orientá-lo melhor a fim de fazê-la feliz e contribuir para a felicidade da polis, mesmo que admitindo que o corpo possa aprender sob coação, Platão refuta tal concepção e demonstra certa indignação diante de tipo de pedagogia onde o professor atua com ironia, restringindo a liberdade de expressão dos alunos.

A *Integração corpo-alma* proposta por Platão tão presente em nosso senso comum, que tudo que se relaciona com a escola, educação, livro, conhecimento é questão da cabeça, cérebro, intelecto, não condiz com a constituição real do ser humano, um verdadeiro todo orgânico onde confluem as dimensões racional, afetiva, espiritual e corporal. Desse modo, qualquer processo educativo que não leve em conta tais aspectos da pessoa transforma-se em uma fábrica de indivíduos fragmentados e desarmonizados. Desde a antiguidade já vemos traços de separação entre o pensar e o agir, duas dimensões características e complementares de toda e qualquer atividade humana.

Podemos comentar acerca da civilização grega, pois o próprio Platão, enquanto defende que por natureza alguns são destinados aos trabalhos manuais outros aos estudos. Mas por outro lado, se a proposta educacional platônica não pode ser para nós um modelo de democratização do ensino, pode sinalizar caminhos de um fazer pedagógico que conduza o homem a uma harmonia plena mente-corpo. De acordo Teixeira (2003), o corpo era trabalhado pelos exercícios físicos que eram divididos entre a dança, destinada a desenvolver a agilidade e a beleza dos membros, o senso de nobreza e de liberdade, e de luta que além de preparar o indivíduo para futura formação militar, ainda o conferia vigor e saúde; toda essa ginástica não alcança seu fim se não for conjugada com uma ordenação da alimentação através da dieta, com claras inspirações da ciência médica.

A música, que para os helênicos compreendia também a dimensão literária, trabalhava as dimensões intelectual e emocional, forjando no educando um espírito de ordem e o verdadeiro amor à beleza. Embora distintas e atuando em áreas distintas estas duas artes não devem ser executadas senão e equilíbrio, caso contrário, corre-se o risco de, privilegiando a ginástica, formar homens rudes, brutos e tensos ou então, trabalhando apenas a música, ter demasiado brandos e polidos. A fala, a conversa são sem dúvida os meios mais eficazes no processo de entendimento e para as correntes pedagógicas atuais, o diálogo é prerrogativa essencial no processo educativo e nisso Platão está em plena consonância, apesar de um idealista ao extremo, ser um perene

referencial a qualquer construção do conhecimento do processo dialógico educativo. Vasconcelos (2008) endossa que a palavra dialética tem como alicerce no diálogo.

A palavra dialética tem sua raiz na palavra diálogo. Razão juntar, recolher. É a técnica de lidar com quem pensa diferente, é uma forma de captar uma ideia. A maneira de educar uma pessoa por meio do diálogo. Em Platão a educação deveria funcionar como forma de desenvolver o homem moral. Só a sabedoria é capaz de libertar o homem das trevas da ignorância. A dialética realiza a passagem do mundo das sombras para o mundo das ideias (VASCONCELLOS, 2008).

Na antiguidade a escrita era o meio usado para se registrar a “palavra” e também para comunicar-se à distância. Agora contamos com avançadíssimas técnicas gráficas, rádios, televisões, telefone e o computador. O diálogo vivo e oral, antes possível apenas “face a face”, agora pode ser feito virtualmente, via internet, sendo possível a emissor e receptor ver-se e escutar-se em tempo real. Isso pode ser benéfico, na medida em que se aproxima das pessoas, diminui a burocráticos, facilita o acesso à informação e à cultura, mas não podemos ignorar seu lado perigoso.

O mundo virtual pode converter-se em uma verdadeira prisão para o indivíduo, levando-o a ficar alheio ao mundo real e das pessoas que o cercam. As sombras apontadas por Platão agora tomaram uma nova roupagem em diferentes cavernas. Na visão platônica o diálogo presencial tinha suprema importância, era o principal elemento da construção humana do conhecimento e da educação do filósofo, sem ele seria impossível atingir o verdadeiro ser e alcançar a ciência. É o diálogo e o encontro com outro que proporciona a libertação das sombras e a contemplação da verdade.

Sócrates - [...] ele é compreendido somente pela razão mediante a dialética que interpreta as hipóteses não com princípio, mas sim como hipótese como premissas e ponto de partida para chegar ao princípio absoluto de cada coisa. Alcançando este a razão vai novamente ao fim por intermédio da sucessão das consequências sem qualquer referência sensível, mas passando de uma ideia a outra e permanecendo em seu âmbito até o fim. (PLATÃO, 1997, p. 224).

Assim sendo, o diálogo ilumina as sombras. Apesar da proposta e da prática educativa de Platão não ser totalmente horizontal, propõem que aquele

que atingiu o nível da superior não fique apenas na alta contemplação das ideias, sentado em seu suposto pedestal de superioridade olhando a distância sem se comprometer e recusando-se a fazer parte do processo, mas desça à caverna, se misture entre os demais, comunique-se, solidarize-se, procure integra-se, aponte saídas e caminhos e ajude os demais a atingir a verdade e obter o verdadeiro conhecimento aberto as diferentes realidades e oportunidades que lhe são apresentadas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Platão a educação verdadeira realiza-se numa dinâmica intersubjetiva que, ao invés de anular a especificidade do indivíduo, reforça suas potencialidades, enriquece-o culturalmente, evidencia seus limites e deixa aberto o caminho para a comunhão, em vista do bem e paradoxalmente para o verdadeiro poder, apesar das marcas do egoísmo e arbitrariedade. O homem sai da caverna, sobe contempla a verdade, mas se lá fica este seu permanecer, então se torna infecundo. O convite a uma pedagogia do diálogo é possibilidade perene, pois a comunicação é a dimensão que não pode ser “calada” por nenhuma circunstância ou força interna ou externa do ser humano. O conhecimento, direto ou indiretamente, é construído pelo encontro de consciências. É bem verdade que a síntese do processo dialético é inexoravelmente individual, porém, se não for o outro, quem poderá lançar a antítese? O ser jogado a si mesmo estar fadado ou vazio, a náusea, á angustia, ao desespero.

A educação dialética é também autoeducação. Este “auto” não exclui o outro, muito pelo contrário, o implica. Platão fez convicção uma das bases da sua Filosofia e do seu agir pedagógica. É bem verdade que seu sistema ontognosiológico, e grande parte já ruíram há milênios. Contudo, a dimensão dialógica, elemento central da proposta educativa platônica, persiste como uma das vias magnas para a “humanização do homem”.

Procuramos mostrar que o filósofo traz na alegoria da caverna, a ideia de que o homem se encontra preso dentro de uma caverna com as costas virada para fora, onde labaredas de fogo projetam sombras na parede para qual os

homens estão olhando. Assim estes só conhecem do mundo inteligível somente as sombras. Contudo, essa alegoria é para mostra que tais homens estão presos no mundo sensível, onde não alcança nenhum conhecimento, sem que busquem se libertar para tal. Para eles as sombras projetadas na parede, são seriam a própria realidade, ou seja, o mundo real, contudo essas são o mundo sensível, e os indivíduos e objetos que estão fora da caverna, são as ideias ou mundo inteligível.

Além disso, procuramos evidenciar a busca do caráter educacional que o mito da caverna traz em sua essência e descobrimos para que se alcance a realidade suprema é preciso que se desenvolva a educação. Para Platão a educação dar sentido a vida, pois ela é uma ação didático-pedagógica, através da qual o homem alcançará o verdadeiro conhecimento de si próprio, do bem e da verdade que o tornará livre para se manifestar com conhecimento de causas, se despreendendo das cadeias que o prendia e indo rumo à verdadeira ciência. Vimos também que a educação ou *Paidéia* leva o indivíduo a alcançar uma vida justa e boa em sociedade. Neste sentido, concluímos que o papel descrito na alegoria é o de retirar o homem do abismo da ignorância e leva-lo a Ascensão do conhecimento.

Desta forma, concluímos que o mito da caverna é uma forma simbólica que Platão utiliza para explicar a necessidade que o homem tem em apropriar-se da educação para que se alcance o conhecimento necessário para que se viva de forma justa dentro da sociedade. Acrescentamos ainda que o mito da caverna continua apontando para o projeto de um conhecimento libertador e uma educação integral capaz de levar o homem ao pleno desenvolvimento de sua potencialidade e fazê-lo essencial nessa mesma educação. A uma existência que brotando do encontro com outro e capaz de fazer do homem um ser mais humano, fraterno, mais comprometido com a causa comum, com a justiça, com a verdade e o bem.

## REFERÊNCIAS

- CIRNE-LIMA, Carlos Roberto. **Dialetica para principiante** 3. Ed. São Leopoldo: Unisinos, 2002.
- FIGUEIREDO, Vinícios de. **Seis filósofos em sala de aula**. São Paulo ,2006.
- HUISMAN, Denis. **Dicionário dos Filósofos**. Tradução: Cláudia Berliner, Eduardo Brandão, Ivone Castilho Benedetti e Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. Tradução por Artur M. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo- **Dicionário básico de Filosofia**, 4 ed. Rio de Janeiro,2006.
- JULIÁN MARÍAS, **História da Filosofia**, Ed. Martins Fontes, São Paulo 2004.
- PLATÃO. **República**. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.
- PLATÃO. **República**. Seleção de textos de Jose Américo Motta Pessanha. Diálogos. Eutifron, Apologia de Sócrates, Críton, Fédon. Editora: Nova Cultural; 1ª edição (1 janeiro 2004)
- PLATÃO. **A República**. Tradução por Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 267.
- PLATÃO, **A República, parte I**, tradução de Ciro Mioranza, Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal - 4, Ed. Escala, São Paulo. 1997
- PLATÃO, **A República, parte II**, tradução de Ciro Mioranza, Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal - 5, Ed. Escala, São Paulo 1997.
- REALE, Giovanni. **História da filosofia: antiguidade e idade média/** Giovanni Reale; Dario Antiseri - são Paulo; PAULUS, 1990. (Coleção filosofia)
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: antiguidade e idade média**. 7.ed. V. 1, São Paulo: Paulus. 2002.
- TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges. **A educação de homem segundo Platão**. 3.ed. São Paulo: Paulus,2003. (coleção Filosofia).

Recebido em: 05/2021

Aprovado em: 07/2021

